

COMBATE

A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES É OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES

exploração nas pequenas empresas

luta na Candimar

A entrevista que se segue foi realizada na Candimar, cooperativa de produção de candeeiros e latoaria mecânica, com 12 trabalhadores, em Leça da Palmeira. Responderam à entrevista 5 trabalhadores.

Trabalhador A - A luta foi a seguinte: o patrão pediu dois mil e tal contos ao banco e o pedido não foi satisfeito. Depois, como não consegui os dois mil e tal contos, pediu 600 e tal contos. Também não lhe emprestaram, mas se fosse o pessoal...

Trabalhador E - Temos que dizer bem. Ele queria esse dinheiro para cobrir a fábrica, porque nós não tínhamos dinheiro; a fábrica estava a ir abaixo. Portanto, como não havia dinheiro, ele pediu dois mil e tal contos, mas não foi aceite. Acontece que eles queriam dinheiro para nós, mas as vendas que se faziam aqui a dinheiro -- directamente aos clientes -- esse dinheiro era dividido por eles. Não entrava em caixa; dividiam à frente do pessoal. Portanto, a fábrica ia directamente descendo.

Trabalhador C - Aconteceu comigo que uma vez levei um candeeiro e paguei-o, quer dizer, dei-lhe o dinheiro directamente a ele, e eles dividiram-no logo.

Trabalhador B - Isso era diariamente. Dinheiro que tivessem cá, dividiam-no. Chegámos a um ponto (as coisas foram-se vendendo e foi havendo dinheiro) em que já não havia dinheiro para ordenados. Em Março já se recebeu fora do dia, em Abril também já fora do prazo, e chegou-se a Maio, no dia 15, não havia dinheiro. Nós já tínhamos eleito dois delegados sindicais e os delegados foram para o sindicato saber o que é que havíamos de fazer. No entanto, na sexta-feira eles não estavam. Mas havia dinheiro que tinha vindo e eles (os patrões) disseram: "Vocês pegam neste dinheiro e vão dar mil escudês a cada um deles". Eram 25 contos e tal, e o resto do dinheiro foi para ele. Só um é que aceitou e nós não aceitámos enquanto não estivessem cá os delegados. Peguei no dinheiro, embrulhei-o e disse-lhe: "Guarda este dinheiro, que na segunda-feira é que se paga aos homens". Cla-

ro, o dinheiro nunca mais apareceu. Dividiu-o com o guarda-livros, pagou-lhe os retroactivos e ficaram com o restante para eles; e para nós não chegou o dinheiro.

Trabalhador A - Quantos meses é que ele devia ao guarda-livros?

Trabalhador B - Devia-lhe talvez dois, mas foi-lhe dar retroactivos desde Janeiro. Foi uma maneira de ele dividir o dinheiro sem vir à mão dos trabalhadores. Na segunda-feira nós estávamos aqui a trabalhar e aqui o senhor ..., que era delegado sindical, chega à nossa beira e diz: "Minhas senhoras, não trabalhem, fazemos greve hoje". O patrão sentou-se ali porque ele não tinha problemas, pois ele dizia que ia para a falência -- que seis contos ganhava em qualquer lado e que não precisava disto para nada. Ele não queria saber de nada. Problemas bancários e tudo, nós que resolvéssemos. Acontece que nesse dia ele pede que co-

"Todos pedimos ao patrão para trabalhar connosco"

No dia seguinte fomos ao Ministério do Trabalho e tivemos uma reunião com o dr. Vitor Duarte e com a dona Elvira, e nós pedimos a ele -- que todos nós pedimos -- para que ele trabalhasse connosco, porque ele era um sujeito que não trabalhava. Não trabalhava e chegou ao ponto de dividir os empregados. Passava o tempo a passear com a mulher e dividia, porque chegava e dizia: "Tu és bom, tu és bom, tu és mau". Dividia os colegas e depois chegava à beira de um e dizia: "Sabes que fulano diz isto?"; chegava ao escritório e dizia: "Sabem que fulano diz que vocês ..."; chegava aqui e dizia: "Sabem que as meninas não fazem isto ...?". Andava a criar aqui uma série de problemas que ninguém se



A MESA-REDONDA, A ENTREVISTA E OS EXTRACTOS DO BOLETIM DA COMISSÃO DE MORADORES DE MASSARELOS QUE PUBLICAMOS NESTE NÚMERO DATAM DE ANTES DO 25 DE NOVEMBRO. POR ISSO, NÃO REFLECTEM OS NOVOS PROBLEMAS QUE PASSARAM A PÓR-SE APÓS ESSA DATA. CONTAMOS ABORDAR TAIS PROBLEMAS NAS ENTREVISTAS E MESAS-REDONDAS QUE REALIZARMOS DAQUI EM DIANTE.

municássemos ao Ministério do Trabalho para virem resolver o caso, porque ele não tinha dinheiro. Eu e o senhor ... fomos ao Ministério do Trabalho e trouxemos dois delegados sindicais. Fez-se uma reunião aqui.

entendia. Chegámos a um ponto, lá no Ministério do Trabalho, em que ele concordou trabalhar connosco e diz-nos que fez um pedido de 400 contos. Acontece que no dia seguinte ele chega cá, senta-se ali, e diz-nos: "Eu não vou pedir dinheiro nenhum. Só peço se vocês se responsabilizarem" e eu disse: "Não senhor, nós não nos podemos responsabilizar. A única responsabilidade que nós temos é darmos o nosso serviço, é trabalharmos. Agora com o dinheiro não". E ele diz: "Mas eu tenho mulher e filhos e não estou para prejudicar a minha vida por vossa causa". Mas nós não ligámos a isso. Estávamos fartos da

(cont. na p. 11)

O jornal O Estado de Sítio não resulta de uma assembleia efectivamente autónoma de organizações autónomas dos trabalhadores. No entanto, foi publicado como uma das formas de convocação do plenário de 30 de Novembro na Baixa da Banheira, de que resultou a constituição de um secretariado provisório dos Órgãos de Vontade Popular. Se o carácter autónomo desse secretariado se verificar, será um importante reforço da luta dos trabalhadores pelo comunismo. Por isso publicamos aqui o editorial desse jornal. Nele se reflecte tanto a pressão exercida pelo movimento autónomo dos trabalhadores, como a influência de ideologias partidárias a que não é alheio.

Começa com o "golpe dos capitães de 25 de Abril" a grande arrancada das massas populares que lutam por melhores salários, por melhores condições de vida e pela organização do movimento popular. Rapidamente se alcançam grandes vitórias e o povo consegue opôr à burguesia a sua organização firme e decidida, furando em 12 meses 6 balões provisórios.

Agora, a burguesia não tendo mais possibilidades de iludir o povo obri-gada a mostrar a sua verdadeira cara, isto é, a violência reaccionária, a ditadura terrorista.

Por detrás de tudo, isto estão os partidos burgueses da coligação que, em luta pelo domínio do poder, levam o país a uma situação de guerra civil. Dum lado toda a corja de fascistas e reaccionários que agora já gritavam palavras de ordem contra os trabalhadores. Do outro os falsos amigos do povo utilizando as justas lutas dos trabalhadores para negociar pastas no governo, como recentemente os vimos aproveitar-se da luta dos operários da construção civil e dos metalúrgicos.

Com o avanço das lutas e da organi-

Do nº 7 do Boletim da Associação de Moradores de Massarelos extraímos os dois artigos seguintes:

BOLETIM 7

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE MASSARELOS



Que se passa com a Associação

Muitas pessoas têm vindo a criticar mais ou menos veladamente a Associação. Ainda hoje, no café, me diziam várias pessoas que não concordavam com o que fazia a Associação e "aqueles tipos são partidários". Este sintoma de indisposição e não aceitação da Associação está-se generalizando a toda a população. De notar que esta sensação já se começou a manifestar nas próprias reuniões com a população; basta atentarmos para a última sexta-feira. Do simples ficar calado as pessoas já passaram a falar e a mostrar o seu descontentamento. Ora, é de toda a conveniência saber o porquê desta situação para não correr

O ESTADO DE SÍTIO

zação popular nas fábricas, nos bairros e nos quartéis, a burguesia sentiu que estava a perder o controle da situação e recorre à política do garrote:

Começou por selar a Rádio Renascença e negar o aval ao "República". Depois destruiu, por um acto terrorista, a Renascença. Agora aproveitou-se da justa luta dos paraquedistas e viu aí a isca para lançar na fogueira todas as conquistas do povo, toda a organização popular que dia a dia estava a ganhar mais força.

Assim, colocam um assassino colonial, o nazi Jaime Neves, a fazer provocações a unidades progressistas como na PM, para justificarem o clima de tensão e de guerra civil, para justificarem o estado de sítio.

Foi um grande tiro!

Permitiu destruir toda a organização dos soldados nos quartéis.

Permitiu calar o "República" que estava decididamente ao serviço dos explorados.

Permitiu proibir toda a liberdade de

mos o risco de perdemos a Associação.

Há moradores de Massarelos que não chamam sua à Associação, que é deles, e então ouvem-se referências como: "os da Associação". Vemos, assim, que a Associação pode correr o risco de se tornar um organismo estranho e de outros, e o que é pior: um inimigo. Ora, não foi esta a ideia com que nasceu a Associação.

Os moradores de Massarelos associaram-se porque tinham problemas e necessidades e, como era difícil a cada um de nós resolver só por si certos problemas como: casas em condições, transportes, limpeza das ruas, creche, etc., chegámos à conclusão que a melhor maneira de alguns problemas serem resolvidos era juntarmos-nos e assim com mais força solucioná-los. A Associação é esta "mais força" que cada um de nós precisava.

A Associação de Moradores não é deste ou daquele, a Associação não é nenhum órgão, a Associação somos nós para fazermos casas, para abriremos valas para os esgotos, para montarmos uma creche onde cada um de nós possa deixar o nosso filho quando trabalhamos; a Associação somos nós quando vamos à Carris, ou melhor, quando fomos à Carris pedir mais eléctricos para as linhas 2 e 18; a Associação somos nós quando vamos à Câmara dizer que existe pouca iluminação nesta ou naquela rua.

A Associação somos nós quando vamos ao Quartel-General dizer que estamos fartos dos senhores políticos e que nós queremos ser ouvidos e dizer o que queremos; a Associação somos nós quando vamos à Câmara exigir que nos resolvam os nossos problemas.

Para tudo, a Associação somos nós e, devemos estar alerta para não deixar que deem cabo da nossa Associação, que façam coisas com que nós não concordamos, que tomem decisões que nós não decidimos.

Para isso temos que comparecer nas reuniões e participar nelas e não deixar que outros decidam e façam por nós.

expressão e reunião, tirando ao povo a possibilidade de se organizar e responder prontamente às provocações reaccionárias.

Permitiu suspender a saída dos contratos colectivos de trabalho.

Permitirá ao governo da burguesia pôr em prática o seu programa económico de austeridade, que traz para os trabalhadores a fome e para os burgueses a fartura.

Permitirá aos burgueses recuperarem as casas vazias que justamente os trabalhadores ocuparam na sua luta por uma habitação digna.

Permitirá toda a série de atrocidades que os fascistas queiram praticar: prisão de revolucionários, de militares progressistas, buscas nas suas casas, reconstituição de uma nova PIDE.

E AGORA? SERÁ QUE VAMOS FICAR INDIFFERENTES, DE BRAÇOS CRUZADOS?

Não, camaradas! A nossa resposta, a resposta popular, será firme e organizada.

Para já, vamos lutar contra o estado de sítio; contra a guerra civil; contra o perigo fascista.

Vamos exigir a restituição das liberdades de reunião e expressão, o fim da censura aos órgãos de informação.

Vamos exigir a libertação dos anti-fascistas presos.

Vamos exigir que o nazi Jaime Neves não seja colocado no comando da região militar de Lisboa, como ele quer.

Vamos exigir a saída dos contratos colectivos de trabalho.

Defendamos com firmeza as conquistas já alcançadas, unindo-nos em torno dos órgãos que representam a vontade do povo e lançando uma grande ofensiva popular.

Outra coisa muito importante é o aproveitamento político que fazem da nossa Associação; nós temos que desmascarar os oportunistas que falam em nosso nome.

Se há algo que está errado na Associação, que somos nós, estudemos esse algo e resolvamos esse problema.

A Associação somos nós, nós é que decidimos!

Nos últimos tempos têm as massas trabalhadoras assistido a todo o género de contradições nas lutas partidárias levadas à prática pelo seus principais dirigentes, invocando-se para tal, com a maior das facilidades, a defesa intransigente dos reais e legítimos interesses dos trabalhadores e das classes mais desfavorecidas, pretexto variadíssimas vezes usado, subtilmente, de manipulação, na ânsia desenfreada da ambição do poder e da defesa dos interesses da classe a que pertencem.

Verifica-se sistematicamente, no momento actual, uma desenfreada luta de ideologias, prejudicando-se assim de todas as maneiras e feitos as massas mais desfavorecidas.

Se, por um lado, uns usam a linguagem da democracia e da liberdade para atingir os seus fins, pelo outro tentam-se aproveitar muito habilmente as justas lutas dos trabalhadores através de incitamentos e falsas adesões, escondendo intenções que escapam à maioria das massas trabalhadoras.

Assim, parece-me ser chegada a altura da tomada de consciência dos trabalhadores para uma resposta firme e corajosa a todas estas tentativas de interesses partidários que objectivamente não podem, nem deverão, ser os nossos.

Só a organização constante e consciente dos trabalhadores através das suas Comissões de Trabalhadores e Moradores e Conselhos de Aldeia, poderão afirmar-se e dizer não a todas as demagogias manipuladoras.

Editorial

Para qualquer classe exploradora, *governar* significa sempre duas coisas: por um lado, a capacidade de dominar, de conter, de reprimir os explorados. Por outro, a possibilidade de resolver os conflitos que opõem as várias facções dos exploradores sem que para tal, estes se envolvam em disputas que ponham em perigo a própria estabilidade das instituições. Quando, no editorial do número anterior, dizíamos que a actual classe dominante em Portugal -- os capitalistas de Estado -- se revelara incapaz de governar e de escolher um dos vários projectos políticos que no seu seio se debatem, queríamos principalmente afirmar a incapacidade dessa classe dominante em dois pontos fundamentais: em primeiro lugar, as várias facções dos capitalistas de Estado (que correspondem a interesses que não vamos agora tentar analisar) não se tinham posto de acordo quanto ao modo por que tentariam reprimir e controlar os trabalhadores. Em segundo lugar, essas várias facções não se tinham posto de acordo quanto ao tipo de instituições por que poderiam resolver os seus conflitos internos.

O relativo equilíbrio político existente entre as facções do capitalismo de Estado impediu que uma delas se impusesse de imediato às restantes. Tornou-se necessário recorrer à prova de força militar para que a facção vitoriosa pudesse então obrigar as restantes a aceitar o projecto político que apoia. Foi isto, em termos simples, o que aconteceu durante o período do estado de sítio na região militar de Lisboa. O "grupo dos nove" e a facção politicamente mais conservadora de Pires Veloso, Jaime Neves, etc. conseguem o predomínio relativamente às restantes. Daí em diante a iniciativa parece estar a pender para a facção mais conservadora e nada nos garante, está claro, que se possa amanhã falar em grupo dos nove.

É importante verificar que esta disputa implicou somente as várias facções dos capitalistas de Estado. A base económica actual, com a extensão da propriedade estadual ("nacionalizações") e o domínio completo da economia pela gestão do Estado, não foi posta em causa. Esta é uma lição muito importante que se pode tirar da recente crise. Opusem-nos sempre a todas as organizações ou grupos que encobrem o perigo real e imediato do capitalismo de Estado apontando como único inimigo o capitalismo de propriedade privada, e temos incansavelmente afirmado que a fraca base social deste último faz com que toda a atenção do proletariado em Portugal tenha de se concentrar na luta contra o capitalismo de Estado. Será curioso saber-se por exemplo que durante o período do estado de sítio algumas reuniões de bancários, eventualmente fora da zona de Lisboa, propuseram que os bancos quando reabrissem tivessem já à sua frente os capitalistas que os possuíam antes do 11 de Março (os Champalimaud, Meilo, Quina, etc.); pois foi precisamente o secretário PPD do Ministério das Finanças, Santos Silva, um dos que se opôs completamente a tal proposta. Não é a base económica que está em jogo.

O que estava em jogo, então?

Algumas facções da classe dominante conseguiram impor às outras um certo tipo de projecto político, social e ideológico para a contenção e a repressão dos explorados.

Mas isto não quer dizer nem que esse projecto de controle dos explorados passe efectivamente à prática, nem que as várias facções da classe dominante tenham conseguido resolver o outro dos problemas que a impedem de governar efectivamente: o tipo de instituições por que se irão resolver os seus conflitos internos.

Este último aspecto é importante pois a sua não resolução dará lugar a uma instabilidade de todo o aparelho governativo, o que aproveita ao proletariado. Mas, sob o ponto de vista dos trabalhadores, não é este aspecto o mais importante. O problema principal para todos os revolucionários, no momento actual, é o seguinte: o projecto dominante de repressão dos trabalhadores conseguirá resultar na prática, ou o proletariado lutará vitoriosamente contra ele?

É claro que a resposta a esta questão não surgirá das páginas de um jornal, mas da própria actuação dos trabalhadores na luta das classes. Hoje, após os acontecimentos ocorridos durante o estado de sítio, as linhas dessa actuação estão bastante mais clarificadas. O movimento autónomo dos trabalhadores mostrou a sua força não se deixando arrastar por qualquer das facções em jogo. Todas as facções da classe dominante permaneceram isoladas relativamente às massas trabalhadoras, apesar de nos últimos tempos terem aumentado as suas tentativas de aproveitamento do movimento autónomo, inserindo-se nele sob formas indirectas, e de terem organizado grandes campanhas nos órgãos de informação. Permaneceram isolados os oficiais e os políticos partidários de um tipo de aparelho de Estado inteiramente constituído sobre a base de organizações "populares" burocratizadas. Permaneceram isolados os oficiais e os políticos

partidários de um reforço do aparelho de Estado existente, mas com uma abertura parcial a certas comissões burocratizadas. Permaneceram isolados o PS e o PPD que, durante o estado de sítio na região de Lisboa, tentaram realizar no Porto manifestações que fracassaram inteiramente devido à falta de participantes. Tratou-se de um conflito que só moveu a classe dominante.

Os acontecimentos durante o estado de sítio demonstraram dois factos que há muito temos vindo a sublinhar:

Primeiramente, a incapacidade de regimentos de um exército profissional se tornarem um elemento revolucionário. A disciplina, as hierarquias, a falta de iniciativa de cada um dos soldados, o encasernamento e o consequente afastamento entre os soldados e os trabalhadores, tudo isto fez com que, privados dos oficiais oportunistas que se perderam nas disputas entre capitalistas de Estado, os soldados progressistas tivessem ficado passivos e fossem facilmente derrotados. Nós não negamos que haja soldados progressistas. Há, e muitos. Os soldados não só eram trabalhadores antes de vestirem a farda como o próprio exército constitui uma forma de obtenção de mão de obra praticamente gratuita; e os capitalistas de Estado desenvolvem sempre ao máximo este aspecto. Mas a estrutura militar separa os soldados dos restantes trabalhadores, por isso dizemos que, se esses soldados se mantiverem inseridos na estrutura militar, o seu progressismo será irrelevante. O caminho para o comunismo passa pela destruição do exército e pela criação de milícias operárias, isto é, de trabalhadores armados sobre a base das unidades de produção e de habitação. Depois dos recentes acontecimentos é impossível que um revolucionário, se o for realmente, não veja isto. A prova de que, na sua prática totalidade, os oficiais ditos progressistas eram meramente elementos de uma facção da classe dominante é que a grande maioria das armas que saíram das casernas não foi entregue aos trabalhadores nas fábricas, nas herdades, nas empresas, mas sim a partidos e grupos políticos; estes "usam-nas" para reforçarem a sua posição relativamente aos outros grupos, mas mantiveram as armas bem guardadas, numa forma suplementar de encasernamento. E, assim, foi impossível aos trabalhadores aproveitarem-se de armas na mão da luta entre as facções da classe dominante.

Em segundo lugar, os recentes acontecimentos mostraram que nenhum dos partidos ditos revolucionários fez o que quer que seja. Ficaram na toca. Esses partidos justificam a sua existência afirmando que o movimento autónomo dos trabalhadores é insuficiente. Pois bem -- esses partidos é que deram a prova de que são inúteis!

A situação está cada vez mais clarificada. Os aspectos centrais da luta de classes são cada vez mais evidentes. Contra a consolidação do capitalismo de Estado só o movimento autónomo dos trabalhadores pode prosseguir a luta.

Até agora, o movimento autónomo tem-se revelado forte ao nível das unidades de produção e de habitação, mas não conseguiu ainda unificar-se autonomamente. A unificação das várias lutas tem sido feita pelos partidos ou até por certos sectores do aparelho de Estado, o que acarreta fenómenos de burocratização mesmo ao nível das unidades de produção. Aliás, depois dos acontecimentos do 25 de Novembro de novo os partidos voltam a procurar dominar o movimento dos trabalhadores ao nível da unificação das lutas. É este problema que assume hoje uma importância crucial.

O Estado só pode ser suprimido se o proletariado substituir a forma opressiva e exploradora de centralização a que o Estado procede um outro tipo de relações sociais, sem opressão nem exploração. São essas relações sociais gerais que se encontram embrionariamente na unificação autónoma das várias lutas operárias. No momento actual, o movimento autónomo dos trabalhadores só poderá prosseguir se conquistar a autonomia ao nível da sua unificação.

A recente tentativa de unificação de comissões de trabalhadores, de moradores e de conselhos de aldeia -- o plenário de 30 de Novembro na Baixa da Banheira, de que resultou a constituição de um secretariado provisório dos Órgãos de Vontade Popular -- vindo na sequência de algumas outras unificações realizadas num nível mais restrito, poderá marcar o rumo se essa autonomia se verificar na prática. Se não se verificar, terá o destino de todos os secretariados mediante os quais certos partidos pretendem aproveitar-se do movimento autónomo: a burocratização, o isolamento, a extinção final sem que ninguém já dê pela sua existência. Mas se o seu carácter autónomo se verificar, então é necessário que essa unificação se prossiga para além da zona industrial que vai de Vila Franca a Setúbal. Só a expansão da unificação autónoma das comissões à escala nacional poderá sapor a base de existência de todos os partidos e criar as condições para que se constitua em Portugal um importante bastião na luta mundial pela abolição do Estado e o fim da exploração.

Hoje, mais claramente do que nunca, pode-se ver que o destino desta fase do processo revolucionário está nas mãos dos trabalhadores autonomamente organizados. Mas o tempo urge.

... e a mãe a b. ...

conversa dele. Ele diz que fomos nós que fizemos o 25 de Abril e quem fez o 25 de Abril que resolvesse os problemas. Em Abril, salvo erro, ele não tinha dinheiro para pagar a quinzena. E então o que é que ele faz? Pede à sogra o dinheiro. A sogra tinha emprestado 16 contos para a ajuda do pagamento. Passados dias a senhora pedenos o dinheiro porque precisava de pagar o aluguer e nós demos-lhe 3 contos e eu disse-lhe: "Nós não podemos resolver nada; o genro da senhora é que resolve". Passados dias da reunião no Ministério do Trabalho, a sogra telefonou-me para aqui e pede o dinheiro e eu disse que não devia nada. Insultou-me, maltratou-me e ameaçou. Mas as ameaças dela... Daí a pouco eu disse ao pai e ao filho que recebi um telefonema daqueles e que não estava disposta a atender telefonemas da família dele. Acontece que o pai olha para o relógio e diz: "Oh Egas, é melhor irmos embora". Ora isso nunca acontecia; quando o pai saía o filho ficava, ou vice-versa, a tomar conta de nós. Nesse dia eles saíram os dois. Não demorou meia hora que viessem aqui e dizem-me: "Estão aqui as forças armadas". "Estão as forças armadas? Que entrem!" Entrou um furriel, um soldado e vinha a mulher de um dos patrões, um filho e um dos irmãos, que queriam o dinheiro. Viraram-se para o furriel e disseram-lhe que tinha que me prender porque eu tinha passado cheques sem cobertura. É certo que já se tinham passado 140 e tal contos de cheques sem cobertura, porque era o senhor Moniz (o patrão) que mandava sempre passar e pedia sempre somado o saldo a dizer que ia sem cobertura. Concerteza eu passa-

va-os, mas ele é que os assinava. No entanto ela insistia para me prenderem porque dizia: "Esta senhora é que deve o dinheiro à minha mãe". Ora o furriel foi ver que só havia dois contos e tal no banco. Como é que se podia pagar à senhora 13 contos se nós só tínhamos

"Ficámos a lutar sem dinheiro, sem ordenado e sem matérias-primas"

Nós até hoje ficámos aqui a lutar sem dinheiro, sem ordenado e sem matérias-primas. Nós, com o nosso dinheiro, que devia ser para pagar os ordenados, estamos a comprar matérias-primas e estamos a receber uma média de dois contos cada um por mês. Conforme vamos tendo dinheiro, vamos dando mil escudos a este, mil escudos àquele, etc. Ao fim de seis meses de tanto lutarmos só agora é que conseguimos o nosso financiamento. Tínhamos pedido em Maio um financiamento de 250 contos. 100 contos seria para actualizar os nossos ordenados e acontece que esses 250 contos foram reduzidos a 150 contos simplesmente para as encomendas em carteira. Mas alguns deles não trabalham, as esposas não trabalham, têm problemas e não passa por casa merceria porque esses indivíduos devem e o banco não vê os nossos problemas. Só vê que nós temos que satisfazer o pedido do senhor fulano de tal, as encomendas. Muito bem -- mas esquecem-se que esse dinheiro só o recebemos daqui a quantos meses? Eles estão a pagar a 30, 60 ou 90 dias e nessa altura é que nós vamos realizar o capital. Poderemos nessa altura pôr os nossos ordenados em dia? Não poderemos. Não

dois? No entanto o marido dessa senhora tinha um cheque no bolso de 20 e tal contos que nunca nos deu até hoje. Mas ele mal soube que nós avisámos que não pagassem esse cheque; porque ele queria que esse cheque fosse para a sogra, mas não dizia que o tinha. Dizia que se havia de pagar.

sabemos.

COMBATE - Há quanto tempo vocês não estão a receber o vosso ordenado por inteiro?

Trabalhador B - Desde Março, desde que ele saiu, que nunca mais recebemos o ordenado exacto.

Trabalhador A - A primeira quinzena de Abril pagou. A segunda quinzena já falhou...

Trabalhador B - A segunda quinzena ele pediu dinheiro à sogra e Abril ficou pago. A partir de Maio nunca mais tivemos o nosso ordenado certo como tínhamos. É mil escudos, mil escudos e... Ainda hoje estiveram cá dois moços da Faculdade de Economia que estão a ajudar e disseram: "Vocês vão para os bancos e vocês fazem barulho e têm dinheiro. Se deram 150 contos, porque não dão mais 100? Vocês têm corpo; vocês têm que comer".

COMBATE - Qual é a objecção que eles põem para emprestar o dinheiro?

SAAL-ESTADO-LUTA AUTONOMA

Mesa-redonda entre as Comissões de Moradores da Foz e S. Pedro da Cova

A mesa-redonda de que aqui continuamos a publicação iniciou-se há já dois números. Nela participam dois elementos da comissão de moradores da Foz do Douro, três elementos da comissão de moradores do Bairro Norte - S. Pedro da Cova (esta comissão está dividida em três sectores e os elementos presentes representam dois deles), um habitante de S. Pedro da Cova e ainda um outro assistente à mesa-redonda.

Nas partes transcritas nos números anteriores discutiu-se a questão dos SAAL, as quais se poderia recorrer mas sem os deixar transformar-se em novas cúpulas; descreveu-se a sobre-exploração a que os mineiros de S. Pedro da Cova estavam sujeitos com o sistema de aluguer de casas e a sua luta pela habitação; discutiu-se o problema da recuperação das lutas pelos partidos e por organizações exteriores ao movimento operário autónomo; descreveu-se a luta que teve de ser travada contra os habitantes burgueses da Foz para constituir uma comissão de moradores que lutasse pelos problemas dos trabalhadores; narrou-se a formação das comissões de moradores em S. Pedro da Cova e os problemas resultantes do desinteresse manifestado por certos moradores; discutiu-se de novo o problema dos SAAL e alguns participantes levantaram a hipótese de estes poderem aproveitar-se das suas funções para se transformarem em nova burocracia dominante; discutiu-se também a diferença entre vanguardas e acção dinamizadora, e o risco de essa acção dinamizadora ocultar um paternalismo de facto.

Problemas de organização

COMBATE - As pessoas de S. Pedro da Cova que estão aqui falam por um lado em Centro Revolucionário e por outro lado em Comissões de Moradores, mas ainda não conseguí perceber se o Centro Revolucionário representa as Comissões de Moradores ou se é Centro Revolucionário e as Comissões de Moradores são coisas diferentes.

CM de S. P. da Cova - São duas coisas diferentes.

COMBATE - Fizemos uma entrevista em S. Pedro da Cova com alguns ex-mineiro e um elemento de uma Comissão de Moradores de S. Pedro da Cova e fiquei com a impressão de que o Centro Revolucionário é uma coisa e as Comissões de Moradores são outra.

CM de S. P. da Cova - Mas estão ligadas ao Centro Revolucionário.

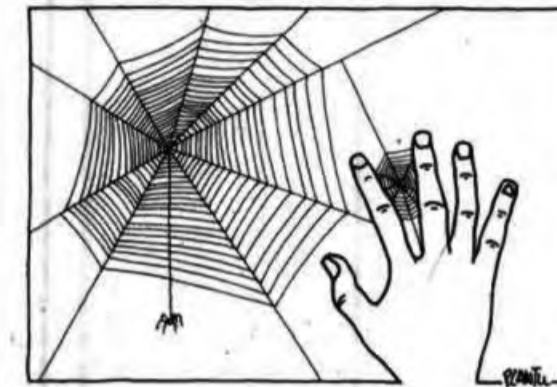


COMBATE - Era isso que queria que explicassem, porque o Centro Revolucionário Mineiro ocupou os escritórios das minas e a Central. Vocês dizem que pagam as rendas de casa ao Centro Revolucionário e eu penso que só as pessoas que vivem nas casas das minas é que lá vão pagar esse dinheiro. Mas em S. Pedro da Cova também deve haver casas que não pertencem às minas. Por isso vocês podiam explicar como isso funciona: se há Comissões de Moradores só para as pessoas que vivem nas casas das minas e se as pessoas que não vivem nas casas das minas têm outras Comissões de Moradores.

Luta na Candimar

Trabalhador B - É que no BIP havia uma livrança de 200 e tal contos. Nós recebemos uma carta em que pediam que dissessemos o que é que ia acontecer aos débitos da firma e como é que íamos pagar os 250 contos. Nós escrevemos uma carta e dissemos o seguinte: Esclarecemos que não podemos assumir a responsabilidade dos débitos contraídos pela firma "Egas Moniz e filhos", porquanto esta cooperativa foi formada excluindo o passivo da referida firma e compete aos organismos oficiais determinar a regularização de tais débitos, incluindo as livranças subscritas nesse banco. Acontece que o BIP numa reunião em Lisboa, em que foi lá o senhor ... -- porque, segundo dizem, estava interessado em que nós tivéssemos esse financiamento -- disse que eles estavam muito chocados com essa nossa carta. Eu não vejo em que é que possam

estar chocados; se nós de hoje para amanhã tivermos fundos, então paga-se os débitos. Para já não podemos. Se não há dinheiro para os ordenados, como é que vamos pagar a eles?!



desenho de Plant

"A Banca está do lado do trabalhador, mas não vejo nada"

Trabalhador C - Eram mil e tal contos que ele devia. Ora, como é que nós podíamos pagar mil e tal contos? De maneira nenhuma.

Trabalhador B - Para pagarmos ao banco temos que pagar a todos. As finanças estão com um cheque sem cobertura, o fundo de desemprego veio cá há dias e é um débito de 28 contos. Ora, os débitos são assim: para pagarmos a uns temos que pagar a todos. E para os nossos ordenados? Fecha-se a porta, vamos embora e alguém que nos dê de comer. Eles dizem: "Estamos ao lado do povo". Será

que é do povo trabalhador? Não sei, penso dúvidas.

Trabalhador A - A Banca está ao lado do trabalhador, mas não vejo nada.

Trabalhador B - O BIP tem lá: "O Banco é do Povo". Mas qual banco? Aquela em que nos sentamos quando vamos lá pagar uma letra de um fogão, etc? É esse o banco? Ou é o banco depois do balcão? É preciso ver essas coisas.

COMBATE - O vosso caso não é o único. Em muitas fábricas, os patrões quan-

do não é com o nome do Centro Revolucionário. Por exemplo, o nosso sector entrega vinte ou trinta contos, mas esse dinheiro fica depositado em nome da nossa Comissão.

COMBATE - Podem explicar o que faz o Centro Revolucionário Mineiro, ou seja, qual é a sua função e quais são as funções das Comissões de Moradores?

CM de S. P. da Cova - Foi o Centro Revolucionário Mineiro que nos ajudou, quer dizer, foi o Centro Revolucionário que fez a força para a gente deixar de pagar a renda ao Cid Monteiro (ao patrão). Nós próprios recebemos as rendas para benefícios, para ajear as casas. Foi o Centro Revolucionário Mineiro que nos deu essas luzes. O povo lá praticamente estava cego. Eu também era um dos cegos.

Outro membro da CM de S. P. da Cova - Não. Ainda está cego. Na nossa Comissão a maior parte deles são cegos porque não se convencem que o Centro Revolucionário Mineiro é que... É uma mudança de fachos que para ali andam.

COMBATE - Se o Centro Revolucionário Mineiro e a Comissão de Moradores fazem as mesmas coisas, continuem a não perceber a existência desses dois órgãos.

do tiveram que pagar o salário mínimo abandonaram-nas e deixaram muitas letras em protesto e agora os bancos não emprestam dinheiro aos trabalhadores.

Trabalhador B - Exactamente. Mas se for lá um senhor capitalista pedir eles emprestam. A gente do BIP aqui de Matosinhos tinha muita pena dos nossos patrões: "Vocês não façam isso. Vocês também não tirem o emprego aos homenzinhos porque eles são pobres". Pois são pobres. Mas antes, quando eles metiam para o bolso não diziam que eram pobres. É preciso ver essas coisas. Os trabalhadores são aqueles que apertam o cinto como os outros trabalhadores.

Trabalhador C - Eles eram pobres, mas nós éramos ricos para pagarmos as dívidas deles.

Trabalhador B - Mas recebiam dois mil e tal contos como eles recebiam. Queriam comprar a casa ao senhorio, queriam abrir um estabelecimento para a mulher, queriam comprar um carro porque a mulher tinha que ir para o seu emprego e tinha que viajar de noite, e depois talvez ainda fossem para o Brasil! Nessa altura talvez... Se ele não tivesse 200 contos no BIP o BIP emprestava-lhe nem que fosse mil contos.

Trabalhador A - Ah isso emprestava. Se o BIP nos empresta 250 contos e quer que nós vamos pagar as dívidas dele porque tem pena deles -- patrões -- mas não tem pena de nós que somos operários, que vamos pagar uma dívida que não fomos nós que a fizemos -- foram eles!

(cont. na p. 7)

CM da Foz do Douro - Os elementos do Centro Revolucionário não são os mesmos das Comissões?

CM de S. P. da Cova - Não, não são os mesmos. Há uma equipa que faz parte do Centro Revolucionário Mineiro e há outra equipa da Comissão de Moradores. Nós quando precisamos de alguma coisa urgente é que vamos lá abaixo ter com eles ou vamos buscar uma ideia para isto ou para aquilo. As ideias que a gente não tem, vamos lá abaixo pedir o apoio deles.

COMBATE - O facto de as pessoas terem mais cultura parece-me que pode contribuir para esta divisão entre a vossa Comissão e a Comissão da Foz. A vossa preocupação neste momento é arranjar as casas, é o saneamento (porque como nos disseram numa entrevista que fizemos em S. Pedro da Cova não têm esgotos e no Inverno aquilo fica tudo cheiro de lama). É por isto tudo que vocês lutam, julgo eu. Mas as pessoas da Comissão de Moradores da Foz, por exemplo, já têm outros problemas: preocupam-se com a saúde, com o desporto, com a cultura. E tudo isto vocês próprios são capazes de fazer, penso eu.

(cont. na p. 8)

Mesa-redonda

(continuação da p. 5)

CM de S. P. da Cova - Nós próprios somos os que fazemos. Nós com todos os moradores. Senão ninguém faz.

COMBATE - Na Luta de S. Pedro da Cova nunca percebi muito bem o significado do Centro Revolucionário Mineiro. Na entrevista que lá fizemos (ver nº 28 e 29) um dos elementos de uma Comissão de Moradores do Paseal -- se não me engano -- dizia que aquela Comissão não costumava habitualmente reunir com outras Comissões de Moradores, mas que ele já tinha ido a uma reunião nacional de Comissões de Moradores em Lisboa. Eu, por outro lado, li uma notícia num jornal a dizer que o Centro Revolucionário Mineiro tinha ido a Lisboa representar os mineiros num congresso qualquer... Reporem: algumas pessoas do grupo de teatro Circo, alguns professores da Escola Preparatória D. Afonso V, mais um grupo de pessoas que se lhe juntam ocupam os escritórios das minas. Depois faz-se um plenário, no campo de futebol...

CM de S. P. da Cova - Não. Primeiro foi mesmo ao pé dos escritórios.

COMBATE - E o que decidiram nesse plenário?

CM de S. P. da Cova - Entre outras coisas, no plenário foi decidido, por aclamação, as pessoas deixarem de pagar as rendas ao Cid Monteiro e passaram a pagar ao Centro Revolucionário Mineiro. Nessa altura ainda não havia Comissões de Moradores. Ficou também assente que o Centro, no prazo de dez dias, iria promover plenários nas zonas dos bairros das minas. É aí então que começam a surgir pessoas que se oferecem para a Comissão de Moradores. Entretanto nós verificamos que a partir de determinada altura as Comissões de Moradores não participavam numa reunião sequer.

COMBATE - As Comissões já existiam ou não?

CM de S. P. da Cova - Não. Não existiam antes das ocupações.

COMBATE - Porque é que decidiram que o centro revolucionário mineiro devia promover plenários nos diferentes bairros?

CM de S. P. da Cova - Para eleição de Comissões de Moradores.

COMBATE - E quem propôs a formação dessas Comissões de Moradores?

CM de S. P. da Cova - Foi uma proposta feita pelo comité de ocupação.

COMBATE - Então o comité de ocupação propôs as pessoas no primeiro plenário que elas nos seus bairros formassem comissões de moradores. E agora, depois

de formadas as Comissões de Moradores, porque é que continua a existir o Centro Revolucionário Mineiro? Porque é que depois da eleição da Comissão de Moradores continua a existir uma coisa que só serviu para desencadear todo este processo de formação das Comissões de Moradores?

CM de S. P. da Cova - Entre as várias moções aprovadas no plenário já falei em duas. Falta falar do caso do Centro de Saúde, Centro de Documentação Mineira, etc. Neste momento, quem vai ao Centro encontra, entre outras coisas, um posto médico e um Centro de Documentação Mineira, de antigos trabalhadores das minas; esta documentação está a possibilitar, está a reivindicar reformas para os antigos trabalhadores, pois eles saíram das minas, escreveram para as Caixas, nas Caixas não lhes é dada nenhuma informação, até nem lhes pedem o número... e é lá que está a funcionar o Centro de Documentação Mineira, constituído por antigos elementos saídos das minas, que tem o trabalho de fiscalizar o número, toda a documentação e dados relacionados com os antigos trabalhadores das minas.

Um assistente à mesa-redonda - Quem é que dirige, por assim dizer, o Centro Revolucionário?

CM de S. P. da Cova - Direcção, quanto a mim, não há. A direcção neste momento está constituída por antigos trabalhadores das minas e mais uma intercomissão de moradores.

Um assistente à mesa-redonda - Da direcção do Centro Revolucionário fazem parte elementos das Comissões de Moradores?

CM de S. P. da Cova - Dois elementos de cada Comissão de Moradores. No Centro, de princípio, as Comissões existentes nessa altura aderiram às ocupações mas, por parte de elementos do Centro -- essa tal elite e dirigentes -- que diziam que se ficassemos à espera das Comissões de Moradores o processo nunca mais ia para a frente. Há uma eleição para um secretariado que, embora contasse com a presença de um elemento ou dois de Comissões de Moradores e antigos trabalhadores das minas, a predominância era de pessoas que nem tão pouco estavam relacionadas com Comissões de Moradores, ou até com as minas. Esse secretariado é que decidia, mas entre os próprios elementos desse secretariado alguns deles não sabiam como as coisas se estavam a passar. O secretariado tinha diversas secções: sector político, sector jurídico, sector de assistência social, etc. Havia ali um problema de restritos. Quanto a mim, é o problema dos restritos que levou à não-participação de alguns elementos. As pessoas não sabiam o que se passava e sabiam que estavam ali apenas a assistir. Não

participavam e deixavam de aparecer. Entrou-se num impasse e foi então que por parte de alguns elementos do Centro Revolucionário Mineiro se convocou uma reunião com todas as Comissões de Moradores, e foi-lhes dita a situação. Foi posto o problema directamente: se as pessoas fazem parte e não aparecem é porque isto concerteza já não lhes diz nada e como tal até pode acontecer que pensem que isto deve ser entregue ao Cid Monteiro. As pessoas disseram que não e o que se devia era todos trabalharem. É então que é formada a intercomissões de moradores. Neste momento o órgão dirigente, digamos assim, aquilo que consideramos o órgão deliberativo é formado por 14 Comissões de Moradores.

COMBATE - Se o Centro Revolucionário Mineiro (podia não ter a palavra revolucionário que me parece não servir para nada) tivesse por função toda essa pesquisa -- ver quais os mineiros que estavam na Caixa, quantos anos pagaram, que número tinham, etc. -- e se as Comissões de Moradores tivessem por função executar as decisões dos plenários de moradores, eu perceberia melhor. Assim parece-me que se quer fundir a intercomissões de moradores com o Centro Revolucionário Mineiro, ou melhor, que se possa falar num ou outro conforme as ocasiões e sem que se levante dúvidas. O que me faz pensar nisto é o que diz uma moradora de S. Pedro da Cova sobre o Centro Revolucionário Mineiro (na entrevista publicada nos nº 28 e 29) e que é mais ou menos o seguinte: "estes agora são melhores do que os antigos". Ao dizer estes dá-me a impressão que o que ela está a dizer é "estes patroses agora são melhores do que os antigos".

CM de S. P. da Cova - Não sei porque é que ela diz isso. Nós não somos patroses porque estamos a trabalhar para o povo e à vontade do povo. O que ela quer dizer é que nós trabalhamos porque fazemos saneamentos...

COMBATE - Mas você é da Comissão de Moradores ou do Centro Revolucionário Mineiro?

CM de S. P. da Cova - Eu sou da Comissão de Moradores.

COMBATE - Mas ela quando se referia a estes estava a falar do Centro Revolucionário Mineiro.

CM de S. P. da Cova - Talvez do Centro Revolucionário Mineiro porque eles é que andaram a tratar das indemnizações, de várias coisas. Deve ser por isso que ela se referiu ao Centro, porque agora andam a pensar por lá o centro médico.

Um habitante de S. P. da Cova - Nessa altura, dá-me a impressão de que as rendas ainda eram pagas no Centro Revolucionário Mineiro e não às Comissões de Moradores.

CM de S. P. da Cova - Agora são pagas as Comissões de Moradores mas fiscalizadas pelo Centro Revolucionário Mineiro para não haver coisa de massas. A Comissão de Moradores recebe dinheiro e passa um recibo da renda e fica com uma cópia na mão que é para se fiscalizar esse dinheiro depois.

ESTA MESA-REDONDA CONTINUA
NO PRÓXIMO NÚMERO



Candimar

(continuação de p. 5)

Trabalhador C - Nem os pusemos fora. Há muitas fábricas.

Trabalhador B - Sabem o que eles dizem? "Chamem as forças armadas. Pode ser que as forças armadas venham cá, tenham pena de nós e nos dêem um financiamento. Chamem!" Mas como não fomos nós a chamar as forças armadas, foram eles...

Trabalhador A - Quando foi da ocupação as próprias tropas apontaram as armas -- aportaram a nós mesmo as espingardas. O senhor furriel Ferreira estava aqui. Passado uma hora e tal, quando entrou aqui novamente, disse: "Rapaziada desculpai que se ia dar aqui um desastre". Os patrões, que tinham chegado nessa altura, estavam armados em anjinhos a perguntar o que é que se tinha passado.

Trabalhador D - Mas não enganavam ninguém.

Trabalhador A - Na véspera, no Instituto Nacional de Trabalho, tivemos uma conferência. Concordaram com a gente. Não estávamos dispostos a colaborar com eles. Não era como eles queriam e, no outro dia, vêm-nos atraiçoar. Eles faziam-nos uma proposta de sociedade -- está aí uma cópia -- que dava 10% para maquinismo ao fim do ano e 90% para dividirmos por todos.

Trabalhador C - E ainda queria que nós pagássemos a carrinha de nos levar, ao quilómetro.

Trabalhador B - Gostava imenso que um jornal fizesse uma entrevista a ele

(continuação de p. 8)

não era tão difícil. Eu morava na casa de enfermeiras. Em 1964 qualifiquei-me e deixei imediatamente o Serviço Nacional de Saúde para ir trabalhar para uma agência. Nunca mais trabalhei para o Serviço Nacional de Saúde por causa do que passei durante o meu estágio. Os doentes não são bem tratados -- e as enfermeiras não têm o direito de falar sobre isto. O salário é revoltante. Todos nas enfermarias são divididos pelos postos que têm. No Serviço Nacional de Saúde tem que se tolerar coisas que uma enfermeira de agência não tolera. Vejo que quando as pessoas falam sobre as enfermeiras de agência referem-se às enfermeiras negras, mas há enfermeiras de todo o mundo trabalhando para as agências. Tenho pena de raparigas como as que vêm das Filipinas ou da Malásia, que não falam inglês muito bem e que estão a ser exploradas. Recordam-me de quando comecei a estagiar."

Os sindicatos foram formados na Grã-Bretanha para excluir mulheres das ocupações especializadas. Os sindicatos nos Estados Unidos foram formados para excluir mulheres brancas, todos os "estrangeiros" e negros das ocupações especializadas. A força de trabalho da enfermagem parece ser dividida por diversos sindicatos e organismos profissionais, mas não o é. Neste caso as divisões entre os sindicatos não dividem forçosamente os trabalhadores, desde que as enfermeiras ultrapassem juntas as barreiras dos sindicatos.

Portanto, os trabalhadores não-sindicalizados (incluindo enfermeiras de agência) não são excluídos pela auto-organização dos trabalhadores.

As divisões perigosas são, primeiro, entre pessoal enfermeiro e não-en-

como patrão, porque nós chegámos a um ponto que ficamos confusos com a maneira dele ser e com a maneira de ele dizer. Eu estou completamente confusa, porque o senhor fala-lhe na questão da "Egas Moniz" e ia acabar a ir cavar batatas para algum lado.

COMBATE - Por falar nisso, a vossa

"A Federação não é para política, é para falarmos no que nos respeita"

COMBATE - Vocês não entraram em contacto com trabalhadores de outras fábricas?

Trabalhador B - Não. De momento entramos com a CUTI; agora temos a DECORAMA...

Trabalhador A - Tem sido tudo coisas pequenas. Temos ido a reuniões à Federação, mas também confesso que aquilo chegando a um certo ponto até começam a meter-se em política, e aquilo não é para política. É para falarmos no que respeita a nós. Agora, política abaixo, política acima; porque este é assim, aquele é assado -- isso não presta. Estar lá até à meia-noite ou duas horas da manhã...

COMBATE - O que convinha era tratar dos vossos problemas.

Trabalhador B - Mas isso ninguém resolve. Chegamos a um ponto de pedir o financiamento, mas para os ordenados não podíamos pedir.

Trabalhador D - E aquela parte em que você foi lá as cooperativas e eles se recusaram a ir...

Trabalhador B - Foi na altura em que eles telefonaram: "Então vocês não têm recebido os vencimentos?" "Não". "Então tragam umas cartas e mais não sei o quê" e eu lá fui. Chovia nesse dia. Chego lá e a da Federação diz: "Vamos ao banco" mas foi lá

luta foi divulgada por algum jornal?

Trabalhador B - Foi pelo "Notícias" logo no princípio e pelo "República" há pouco tempo.

dentro telefonar e quando veio disse: "É melhor a senhora ir ao Banco de Angola". E eu disse: "Então eu vou sozinho?" "Vai, a senhora vai sozinha". Desço aquelas ruas todas por ali abaixo e chego ao Banco de Angola e estava fechado. Lá vou eu com a miuda ao colo e venho-me embora. E isto porquê? Porque a Federação por sua vez diz que faz mas... Não sei, não sei. Não se interessaram completamente, não deram as voltas necessárias ou talvez eles não tenham poderes necessários. Segundo me disseram, eles fazem, sim senhor, mas é através de pessoas que eles têm amigas nos bancos, aqui e acolá, e só assim é que eles conseguem. Portanto, não há um apoio, pelo menos cá no Norte. Nós andamos uns poucos de meses a pedir um financiamento; pedimos à Federação várias vezes; mandamos cartas e eles também não conseguiram resolver. Ultimamente o que consegui foi: estava lá um senhor da banca, mas era necessário ir quase diariamente ao Porto falar com esse senhor e ele, através de outra pessoa, é que conseguiu os 150 contos. Não tivemos outras pessoas que dissessem: "Eu peço isto, vou daqui para cima e vocês dentro de dias vão ter o dinheiro". Isso não acontece. Andamos uns poucos de meses e só agora é que vieram os 250 contos reduzidos a 150.

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

enfermagem

fermeiro, e, segundo, entre o Serviço Nacional de Saúde e enfermeiras de agência -- divisões entre trabalhadores de hospital. Estes precisam de se unir e recusar estas divisões que o governo, os sindicatos e a esquerda (trata-se aqui dos partidários do capitalismo de Estado; nota nossa) tentam aumentar. O racismo e as diferenciações sexuais não dependem de atitudes morais, mas sim de tomar ou não posição juntamente com mulheres negras, de agência ou não, auxiliares SRN (curso de três anos) ou SEN (curso de dois anos).

Diz a sra. D., originária da Jamaica, que deixou o trabalho oficial como auxiliar de enfermagem (SEN) e faz agora trabalho de agência:

"As enfermeiras negras recebem a maior parte dos trabalhos sujos. Se há na enfermaria uma enfermeira branca especializada e uma enfermeira negra especializada, a branca estará no escritório e a negra no pavilhão. Os médicos tratam-na mal, e a negra pior. Eles simplesmente ignoram as enfermeiras negras desde que haja uma enfermeira branca. No último hospital em que trabalhei havia mais enfermeiras de agência do que do Serviço Nacional de Saúde.

"Deveria haver subsídio de infantário dado pelo hospital. Alguns têm creche mas não adianta, porque temos de trabalhar em horários desencontrados. Pode estar aberta das 9 h. às 17 h., mas se se trabalha de noite até às 8 h. nada resolve. Ou então fecham aos sábados e domingos e o que acontece num feriado?"

Os factores que criaram a enfermeira

de agência estendem-se a todas as enfermeiras e, de facto, a todas as mulheres. Mas a união necessária para levar a luta à frente só virá quando as enfermeiras do Serviço Nacional de Saúde se unirem às enfermeiras de agência para denunciar estes factores.

As enfermeiras negras foram acusadas de não participar militantemente na luta actual. Estas acusações, assim como aquelas contra as enfermeiras de agência, são baseadas no racismo inerente à hierarquia hospitalar. Por isso as enfermeiras negras não podem estar certas de que a unidade proposta pelas enfermeiras brancas seja uma garantia de resolução das ofensas a que são submetidas.

Elas, mais do que as enfermeiras brancas, enfrentam as afrontas nos pavilhões lançadas pelos doentes e pelos médicos. E toda a história e experiência que consigo trazem para a enfermagem fazem com que tenham cautela. O ataque feito à enfermeira de agência veio confirmar que elas tinham razão ao serem cautelosas quanto a unirem-se à luta quando não estão a conduzi-la.

COOPERATIVA OPERÁRIA CONFUSÃO

SOMOS UMA NOVA COOPERATIVA ESPECIALIZADA EM OFFSET.

CONTACTE-NOS PESSOALMENTE NA RUA SACADURA CABRAL, 89 A, NA CRUZ QUEBRADA, OU PELO TELEFONE 2112740

QUERIA ASSINAR O "COMBATE" DESDE O Nº _____
1 ano (26 números)-90\$00; 6 meses (13 números) - 45\$00
Apoio (anual)-120\$00 mínimo
Europa (1 Ano -168\$00); USA (1 ano 210\$00) (por avião)
Angola (1 ano 207\$00)

QUERIA VENDER "COMBATE"
Junto envio \$ _____
(Todos os cheques e vales devem ser enviados em nome da directora)

UM EMPREGO COMO QUALQUER OUTRO - mulheres negras e enfermagem

Este artigo foi extraído do DOSSIER DE LUTA DE CLASSES - 1974, coligido por militantes revolucionários ingleses.

Nele se referem as condições a que estão sujeitas as enfermeiras na Inglaterra, em particular imigrantes e negras, que são relegadas para o trabalho das agências de emprego devido à discriminação nos sectores oficiais. Enquanto isto, novos hospitais encontram-se fechados por falta de mão de obra.

A discriminação foi levada até dentro da luta geral das enfermeiras. O artigo diz algo a respeito da divisão do trabalho em especializado e não-especializado em função também do racismo.

Na presente luta as enfermeiras pela primeira vez entraram em greve para apoiar as reivindicações de maior salário. Elas actuaram contra o mito de que mulheres que cuidam de doentes, jovens e evlhos não devem comportar-se desta maneira.

A enfermagem é tradicionalmente um trabalho de mulheres, especialmente de negras. No artigo que se segue, nós afirmamos que a presença de mulheres negras na indústria da saúde foi crucial para trazer a luta até ao ponto actual. Mostramos que as trabalhadoras recrutadas na Europa mediterrânica, Irlanda, Caraíbas e Ásia foram as que primeiro trouxeram a arma da greve aos hospitais na Inglaterra.

"Black Women Group"
("Grupo de mulheres negras")

Durante os últimos vinte anos a composição de classe das enfermeiras mudou. Há cem anos foi dito sobre as enfermeiras: "Muitas senhoras respeitáveis eram recrutadas, porque acredita-se que este tipo de enfermagem requer o mais refinado e bem educado tipo de mulheres". Esta não é já a situação das enfermeiras hoje e certamente não é a descrição da políptica de recrutamento do Serviço Nacional de Saúde. O que costumava ser uma vocação para as classes médias é agora um emprego para as mulheres da classe operária, e particularmente para mulheres negras e outras imigrantes.

Enfermeiras estrangeiras: mão de obra barata

O número de estudantes de enfermagem estrangeiras que chega anualmente ao Serviço Nacional de Saúde britânico aumenta rapidamente em cada ano. Em 1959 chegaram cerca de 6.000. Em 1970, pouco menos de 19.000. Vêm na maioria das Caraíbas, de Hong-Kong, da Ilha Maurícia, da Malásia (que é agora o país que contribui com o maior número) e da Irlanda.

Não podemos analisar profundamente quem são estas mulheres, nem quais as condições específicas existentes naqueles países que as forçam a vir para a Grã-Bretanha para estágio, como uma fuga. Uma fuga é o que é certo. Poucas

vêm com o desejo de ser enfermeiras. Mas, desejando ou não, o Serviço Nacional de Saúde garante-lhes trabalho aqui pelo menos por cinco anos.

Diz G. J. Sen, de Trinidad:

"Vim para a Inglaterra em 1970, quando tinha 22 anos, para estagiar como enfermeira. Na entrevista em Trinidad fiz um teste de inteligência e fui aceite para um hospital em Birmingham. Vim directamente para o hospital. Na realidade eu não queria ser enfermeira, queria sair de Trinidad. Nunca tive emprego lá. Quando estava em Birmingham em 1970, duas enfermeiras estagiárias foram despedidas porque por três vezes não haviam passado no teste que se faz após as oito primeiras semanas de estágio. Cerca de 50 de nós (enfermeiras negras) entramos em greve, algumas por meio dia, outras por dois ou três dias, e exigimos que fossem readmitidas. Recebemos ajuda da Associação das Índias Ocidentais. Elas foram readmitidas. Agora durante as minhas férias estou a fazer trabalho de agência. Preciso de dinheiro."

Entre as enfermeiras, mulheres negras são invariavelmente vistas nos postos mais baixos, servindo médicos, enfermeiras "profissionais" e pacientes. Poucas enfermeiras negras vão para o Serviço Nacional de Saúde por vocação; e mesmo aquelas que seguem uma vocação vêm muito rapidamente que não foi para isso que foram recrutadas. Para as mulheres negras a enfermagem é um emprego e nada mais; ao recusarem-se a trabalhar como uma vocação, não só estão a desmascarar a natureza real da enfermagem no Serviço Nacional de Saúde, mas estão também a minar a hierarquia, que depende directamente de um desejo de vir a pertencer-lhe.

Diz a sra. Andrews, assistente de enfermagem num hospital psiquiátrico, o que equivale a auxiliar num hospital geral:

" Isto é o que acho que estava errado desde o princípio: der-nos o nome de assistentes de enfermagem. Isto de enfermagem não deveria existir; devia ser trabalhadoras. Para mim é um trabalho como qualquer outro, como se estivesse numa fábrica, ou qualquer coisa assim. A maioria do pessoal aqui é de cor negra. São na maioria assistentes de enfermagem. Por exemplo, no pavilhão de crianças contem 12 assistentes de enfermagem, 2 freiras, 1 enfermeiro encarregado (equivalente a uma freira) uma enfermeira "staff" e uma SRN (curso

de três anos). Todas as assistentes de enfermagem eram negras. De pequenas coisas como esta é que se tira a prova. Algumas pessoas perguntam-me porque é que não querê ser promovida. Não quero porque cumpro a minha tarefa criando dois filhos sozinho. Não quero nenhum título por trás do meu nome. Não posso compreender onde querem chegar. Tem mais dor de cotovelo do que outra coisa. O lugar que tenho é o que quero e ficarei de fora a olhá-las brigando. Elas não têm tempo para os maridos; só querem ser promovidas. E isto não ajuda os doentes a convalescer. Só pensam nelas...

"Agora têm um novo distintivo. Quando chegamos, tudo o que tinham no distintivo era enf. Andrews, ou enf. Brown. Agora, neste novo distintivo, todos têm o título escrito. Isto causa uma certa disputa por parte dos que sentem que todos os seus anos de trabalho significam que são mais do que simplesmente trabalhadores -- e querem que isto seja reconhecido. Eu acho bem, pois desde que vêm o distintivo sabem exactamente quem eu sou e não podem pedir-me para fazer certas coisas. E eu posso recusar-me a fazer muitas coisas."

Enfermeiras de agência

A enfermeira de agência foi posta de lado e usada como alvo de ataque. O ataque vem de dentro da "profissão", do executivo do sindicato CONHE e das organizações ditas revolucionárias. Todos disseram que as enfermeiras do Serviço Nacional de Saúde deveriam recusar-se a trabalhar com enfermeiras de agência. (NOTA- Isto dizia-se na época da greve, mas no final todas queriam deixar o Serviço Nacional de Saúde e ir para as agências caso não aumentassem os salários).

A verdade é que os salários do Serviço Nacional de Saúde aumentam com o tempo de serviço, de grau em grau. Se, por exemplo, uma enfermeira interrompe o seu serviço para ter filhos, perde todo o tempo de serviço e o salário que o acompanha. E quando volta tem de começar tudo de novo na escala de pagamento. Este tipo de penalidade exclui quase todas as enfermeiras negras que são mães porque, haja ou não um homem em casa, a mulher precisa de trabalhar.

Por isso cada vez mais fazem trabalho de agência. É a sua única escolha. De mais a mais, com crianças aparece o problema de não haver facilidades suficientes para cuidar delas, e as que existem são a um preço que enfermeiras negras não podem pagar. Muitas trabalham no turno da noite e durante o dia cuidam das crianças e fazem o trabalho da casa.

Diz a sra. P. M., SRN (curso de três anos), originária de Barbados:

" Quando comecei a trabalhar pela primeira vez era uma das únicas raparigas negras lá. Depois, com a vinda de cada vez mais raparigas negras para Londres,

(cont. na p. 7)



Desenho de Planta